

**A** *Estudos Feministas* tem como projeto estar na vanguarda da discussão acadêmica sobre gênero aliada a atenção dedicada aos temas que importem ao movimento de mulheres. Dentro deste espírito trazemos neste número um dossiê sobre Mulheres Negras. Em razão da importância conferida a este tema nas duas dimensões mencionadas, esta seção da revista superou em muito o seu formato tradicional e assim fomos levadas por problemas de composição gráfica a suprimir circunstancialmente o encarte em inglês de um dos artigos nacionais. Tal medida indesejável foi necessária para manter a revista dentro dos seus custos operacionais. No próximo número a Revista retomará esta seção.

O Ponto de Vista traz a continuidade do debate proposto no dossiê do último volume sobre a IV Conferência Mundial da Mulher. Os artigos que propõem um balanço sobre a reunião de Beijing atestam que em parte a perspectiva pessimista que dominava o cenário preparatório da conferência foi revertida.

A última conferência do século das Nações Unidas sobre a condição das mulheres mobilizou de forma excepcional o movimento feminista internacional diante da possibilidade de um retrocesso de certas conquistas alcançadas. O resultado dessa organização surtiu efeito ao amortecer o conservadorismo expresso no texto final que chegava a China recheado de colchetes a indicar o não consenso entre as delegações oficiais. Um primeiro resultado positivo e a neutralização talvez apenas episódica da Santa Aliança. A partir da reunião do Cairo em setembro de 1994 a associação de posições conservadoras representadas por certos países muçulmanos encabeçados pelo Irã e pelo Sudão e de um grupo de países católicos capitaneados pela Santa Sé ameaçava de modo muito nítido uma perspectiva mais universalista dos direitos femininos. Estes grupos expressando uma voga de fundamentalismo religioso sustentam que a definição cultural prioritária do ser mulher reside em sua função reprodutiva e conseqüentemente a inserção da mulher na vida social e cultural está atrelada a funções da maternidade e da vida familiar. Nessa concepção hierárquica do lugar da mulher na sociedade fica excluída ou muito atenuada a possibilidade de um entendimento de direitos universais, luta pela qual o movimento feminista tem se empenhado há um século. O aspecto curioso desse embate e o meio utilizado para defender tal posição durante a conferência incluir ressalvas em inúmeros parágrafos da Plataforma em respeito a tradições étnicas, culturais e religiosas acionando um argumento do relativismo cultural.

A Plataforma de Ação surgida de Beijing muda de tom. Não se quer mais um diagnóstico da situação das mulheres mas indicações dos caminhos e estabelecimento de mecanismos para a superação das desigualdades persistentes. As mulheres não são mais um grupo a ser protegido mas surgem como sujeitos de direito a quem e devido os meios de assim realizar-se. Nesse sentido o texto é conclusivo apenas mediante os meios de acesso a autonomia econômica e a administração do próprio corpo via a formulação crucial dos direitos reprodutivos e que a situação feminina pode alterar-se numa direção positiva. Beijing também atesta um avanço considerável no que concerne os temas ligados a sexualidade. Ainda que os termos propostos de direitos sexuais não tenham sido encampados a discussão destes temas em um espaço público nunca foi tão longe como no país das grandes muralhas. Ponto para o feminismo.

Contudo nem tudo são rosas. As questões candentes no texto da Plataforma de Ação como incidência desigual da pobreza sobre as mulheres, a nova divisão internacional do trabalho, a globalização e a flexibilização da economia que incidem de maneira perversa sobre a inserção da mulher no mundo produtivo ficaram apenas esboçadas faltando no fundamental uma definição clara dos mecanismos e recursos que possam corrigir a exclusão das mulheres do acesso a divisão da riqueza, ao sistema político e dos meios de comunicação.

O dossiê Mulheres Negras vem em boa hora preencher uma lacuna na trajetória da REF. Trazendo uma reflexão mais detida e sistemática sobre as relações gênero e raça em suas articulações de desigualdade e assimetria na sociedade brasileira, esta seção apresenta uma produção majoritariamente de autoria de pesquisadoras negras. Coerente com o formato de um dossiê, textos mais curtos e de feito a abrir polêmica, a reflexão aqui proposta parte de análises e ensaios que buscam trazer dados sobre a inserção da população negra feminina no país, salientando o seu grau de exclusão social. Essa reflexão ainda é inicial, mas atende o apelo de vários(as) pesquisadores(as) quanto a urgência de integrar essas duas dimensões nas análises que se procedem sobre a sociedade brasileira. A escolha do tema também reconhece que o movimento de mulheres negras representa a face mais ativa e dinâmica da organização atual das mulheres brasileiras. Este dossiê pretende estar na dianteira da reflexão acadêmica sobre esse fenômeno.

Uma palavra a mais. A artista plástica Rosana Paulino e a autora dos desenhos da capa. A opção por esse trabalho artístico é mais um reconhecimento do que as mulheres negras fazem para que o mundo seja belo e combativo.

Maria Luiza Heilborn